

*Casos Particulares de Conservação de Carnívoros em Portugal:**O Lobo, o Gato-bravo e a Marta*

Francisco Álvares

Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto (CIBIO-UP)

GRUPO LOBO – Associação para a Conservação do Lobo-ibérico e seu Ecosistema

(E-mail: falvares@mail.icav.up.pt)

Nas últimas décadas, o número de espécies que se têm extinguido ou que se encontra ameaçada de extinção, tem aumentado extraordinariamente. Como resposta, surgiu recentemente um ramo das ciências biológicas que visa compreender esses fenómenos de extinção e declínio – a Biologia da Conservação.

As principais causas do declínio das espécies resultam, directa ou indirectamente, de acções humanas, que conduzem à redução e/ ou fragmentação das áreas de distribuição de inúmeras espécies. Este processo acentua-se nos mamíferos carnívoros, por serem espécies sensíveis à perturbação humana, sofrerem uma intensa perseguição por parte do Homem por motivações económicas e culturais, e muitos deles, serem “especialistas”, ou seja, com requisitos ecológicos específicos (em termos de alimentação e/ou habitat). Os mamíferos carnívoros são, igualmente, um grupo muito diversificado ecologicamente, onde as distintas espécies possuem uma ecologia e comportamentos muito variados. Além disso, por se situarem no topo da cadeia alimentar, constituem espécies-chave para compreender o funcionamento dos ecossistemas, analisar fenómenos de declínio populacional e aplicar medidas de conservação, uma vez que é reconhecido que a sua conservação e a do seu habitat, dá protecção a uma miríade de outras espécies menos óbvias mas que com eles compartilham um determinado espaço.

Para a avaliação do estado de conservação das espécies de fauna, e dos carnívoros em particular, torna-se, obrigatoriamente, necessário o conhecimento dos seus requisitos ecológicos e das causas para o seu declínio. Para tal, podem ser utilizados vários indicadores, tais como a Distribuição e Efectivo (como indicador da situação e evolução populacional), a Ecologia Trófica, a Ecologia Espacial (e.g. selecção do habitat e movimentos dispersivos) e aspectos gerais da sua Biologia (e.g. taxonomia, reprodução, organização social, comportamento, caracterização genética), de forma a identificar e diagnosticar as Ameaças à sua sobrevivência. Com esta informação base, torna-se então possível planificar medidas e actuações de conservação, de forma a contrariar esses factores de ameaça.

Em Portugal, ocorrem 14 espécies de mamíferos carnívoros, das quais se possui distintos níveis de conhecimento científico e de actuações com vista à sua conservação (TABELA 1). As espécies mais comuns, sem Estatuto de Ameaça e conseqüentemente sem grandes problemas de conservação (Raposa, Doninha, Fuinha, Texugo, Lontra, Gineta e Sacarrabos), são, em geral, as que se possui um suficiente

nível de conhecimento dos vários aspectos da sua biologia e ecologia. A única exceção é o Visão-americano, do qual somente se possui um insuficiente conhecimento da sua distribuição, apesar de se tratar de uma espécie exótica, recentemente introduzida, e por isso, potencialmente nefasta para a biodiversidade nativa, nomeadamente outras espécies de carnívoros semi-aquáticos ou ribeirinhos, como a Lontra e o Toirão. No que diz respeito às seis espécies de carnívoros com Estatuto de Conservação em Portugal (Lobo, Arminho, Toirão, Marta, Gato-bravo e Lince-ibérico), o nível de conhecimento da sua distribuição, biologia e requisitos ecológicos é bastante díspar, o que se reflecte na sua categoria de ameaça. De referir no entanto, que em Portugal, durante a última década a investigação científica em carnívoros tem sofrido um substancial incremento, quer no que diz respeito à diversidade de espécies alvo de estudo quer em relação à variedade de métodos e técnicas utilizadas. Com efeito, para além da tradicional utilização e quantificação de indícios de presença e da radio-telemetria, actualmente utilizam-se metodologias tão distintas como, por exemplo, a armadilhagem fotográfica, a modelação ecológica e a genética molecular.

TABELA 1 – Estatuto de Ameaça e Nível de Conhecimento dos carnívoros portugueses

Espécie	Estatuto Ameaça	Nível de Conhecimento					Ameaças	Acções de Conservação
		Biologia Geral	Distribuição e Efectivos	Ecologia Trófica	Ecologia Espacial			
Lobo (<i>Canis lupus</i>)	EN	+	+	+	-	+	+	
Raposa (<i>Vulpes vulpes</i>)	LC	+	+	+	+	+	o	
Doninha (<i>Mustela nivalis</i>)	LC	+	-	+	+	-	o	
Arminho (<i>Mustela erminea</i>)	DD	o	-	o	o	o	o	
Toirão (<i>Mustela putoris</i>)	DD	-	-	-	-	-	o	
Visão-americano (<i>Mustela vison</i>)	Introduz	o	-	o	o	o	o	
Fuinha (<i>Martes foina</i>)	LC	-	+	+	+	o	o	
Marta (<i>Martes martes</i>)	DD	o	-	o	-	-	o	
Texugo (<i>Meles meles</i>)	LC	-	+	+	+	-	o	
Lontra (<i>Lutra lutra</i>)	LC	-	+	+	+	-	o	
Gineta (<i>Genetta genetta</i>)	LC	-	+	+	+	-	o	
Sacarrabos (<i>Herpestes ichneumon</i>)	LC	-	+	+	+	-	o	
Gato-bravo (<i>Felis silvestris</i>)	VU	-	-	+	+	-	o	
Lince-ibérico (<i>Lynx pardinus</i>)	CR	-	+	+	+	+	+	

Legenda: “+” conhecimento suficiente; “-“ conhecimento insuficiente; “o” conhecimento nulo

Como exemplo da realidade do estudo e da conservação dos mamíferos carnívoros portugueses, vamos em seguida considerar três espécies: o Lobo, o Gato-bravo e a Marta.

O **Lobo**, à semelhança do Lince-ibérico, é um dos carnívoros ameaçados do qual se possui maior nível de conhecimento científico, nomeadamente no que diz respeito à sua evolução da distribuição, situação e monitorização populacional, ecologia trófica, ecologia espacial e diversos aspectos da biologia, tais como taxonomia, caracterização genética, osteologia, reprodução, estrutura populacional e parasitologia. As ameaças à sua sobrevivência em Portugal, encontram-se igualmente bem identificadas, destacando-se: i) a perseguição directa humana por motivações económicas e culturais; ii) a fragmentação e destruição do habitat; iii) a redução da disponibilidade alimentar; iv) o isolamento e fragmentação da população a Sul do rio Douro, com graves consequências na sua variabilidade genética e viabilidade populacional, e v) a proliferação de cães vadios e assilvestrados, o que trás consequências ao nível da hibridação, competição e capacidade cultural de carga das comunidades rurais face ao lobo, devido aos ataques ao gado que os cães efectuam, mas pelos quais o lobo é responsabilizado. Além disso, principalmente graças ao esforço do Grupo Lobo – Associação para a Conservação do lobo e seu ecossistema e do Instituto da Conservação da Natureza (ICN), diversas acções de conservação do lobo tem vindo a ser implementadas, nomeadamente: i) a criação de uma legislação específica (Lei 90/88, Dec.-Lei 139/90) para a protecção deste canídeo, estando actualmente a ser revista de forma a permitir a sua melhor aplicabilidade; ii) a implementação de métodos e medidas com vista à prevenção de ataques do lobo aos animais domésticos; iii) a monitorização regular da situação populacional e das causas de mortalidade; iv) a realização de acções de educação e sensibilização da sociedade em geral e das comunidades rurais em especial, nomeadamente através de acções de eco-turismo que promovem o lobo e impulsionam o desenvolvimento rural; v) o fomento dos ungulados silvestres que constituem as presas naturais do lobo (corça, veado e cabra-brava); vi) a implementação de medidas de gestão do habitat (ao nível do ordenamento cinegético e florestal), vii) a contemplação do lobo na Avaliação e Monitorização de Impacte Ambiental de grandes infra-estruturas (e.g. redes viárias, barragens, parques eólicos), onde é alvo de medidas de minimização e compensação de impactes, e viii) a prevista elaboração, para breve, do “Plano de Acção para a Conservação do lobo em Portugal”, onde todas estas medidas de conservação serão integradas.

O conhecimento da distribuição, ecologia e biologia do **Gato-bravo**, que constitui a base científica para as acções de conservação desta espécie, é bastante limitado. Apesar de mal conhecida, sabe-se que o gato-bravo apresenta uma distribuição generalizada por todo o território nacional, embora se admita que já esteja ausente de algumas áreas (como seja toda a faixa litoral a norte de Lisboa), em escassa abundância e de uma forma fragmentada, por as suas populações se encontrarem possivelmente em franca regressão. Os estudos sobre Gato-bravo em Portugal, excluindo alguns trabalhos em taxonomia e caracterização genética, tem vindo a incidir principalmente na sua ecologia trófica e ecologia espacial (actividade, território e selecção do habitat). Apesar de ainda mal conhecidas quanto à sua intensidade e impacto nas populações, as principais ameaças à sobrevivência do Gato-bravo, tal como sucede com numerosas espécies de predadores, resultam da combinação de vários factores: i) a intensa perseguição

humana, principalmente por motivações cinegéticas; ii) a mortalidade não natural devido a atropelamentos em redes viárias; iii) a fragmentação, destruição e crescente perturbação humana dos habitats favoráveis; iv) a proliferação de gatos domésticos vadios e assilvestrados, com consequências ao nível da transmissão de doenças e da hibridação (levando progressivamente à perda da identidade genética do gato-bravo); v) a possível fragmentação das populações e consequente perda de variabilidade genética; e, finalmente, vi) o deficiente conhecimento científico sobre vários aspectos da distribuição, biologia e ecologia da espécie. Em termos de acções de conservação, e apesar de não se destinar concretamente ao Gato-bravo, a recente implementação do “Plano Nacional para a Conservação do Lince-ibérico”, poderá beneficiá-lo indirectamente, devido à semelhança de requisitos ecológicos que ambas espécies de felinos apresentam.

A **Marta**, à semelhança do Toirão e do Arminho, é um carnívoro do qual se desconhece, praticamente por completo, a sua distribuição, ecologia e biologia em território nacional. Com efeito, a ocorrência da Marta em território nacional foi somente confirmada nos finais da década de 1980, e desde essa data, a única informação que tem vindo a ser recolhida são alguns registos dispersos e a maioria, duvidosos (devido à dificuldade na correcta identificação da espécie pela sua semelhança morfológica com a Fuinha) no Norte e Centro de Portugal. No entanto, com base em apenas 6 registos confirmados e recentes desta espécie provenientes do Noroeste de Portugal, foi possível com recurso a recentes técnicas de Modelação Ecológica, identificar os requisitos de habitat para esta espécie, e com base nisso, delimitar potenciais áreas de ocorrência para a Marta em Portugal. Este estudo, para além de contribuir para o conhecimento de alguns parâmetros da ecologia espacial, permitiu inferir sobre as principais ameaças que esta espécie poderá enfrentar em Portugal, como sejam: i) a fragmentação e destruição dos bosques maduros autóctones; ii) a mortalidade provocada pelo Homem (e.g. armadilhas, tiro, atropelamentos); iii) a crescente perturbação humana nas áreas de habitat favorável; iv) o provável isolamento reprodutor entre populações e consequente perda de variabilidade genética e v) a ausência de conhecimentos científicos sobre a espécie. Os dados até agora obtidos, parecem apontar para uma situação crítica desta espécie, podendo, muito provavelmente, ser após o Lince-ibérico, o carnívoro mais ameaçado de extinção em Portugal.

Verifica-se que a nível nacional, algumas espécies de carnívoros, apesar de ameaçadas, continuam a ser alvo de um grande desconhecimento dos seus principais requisitos ecológicos e necessidades de conservação. No entanto, prevê-se que as muitas causas de declínio de carnívoros já identificadas irão persistir e eventualmente aumentar. Temos por isso um longo caminho a percorrer para poder conciliar o desenvolvimento do país com um futuro onde possam ocorrer populações naturais de espécies tão emblemáticas e carismáticas como são os mamíferos carnívoros.